

**A ancoragem do telejornal em eventos extremos:
A cobertura das enchentes no RS durante a presença de William Bonner em Porto Alegre¹**

Débora Lapa GADRET²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, SP

RESUMO

Este trabalho busca discutir a cobertura de eventos extremos durante a ancoragem *in loco* do telejornal. Para isso, são analisadas as nove edições do Jornal Nacional apresentadas por William Bonner, em Porto Alegre, entre os dias 6 e 15 de maio de 2024. A partir de uma perspectiva discursiva, reflete-se sobre a produção de sentidos relacionada ao acontecimento a partir da enunciação do âncora, com ênfase a cinco núcleos de sentido: gravidade do fato, resiliência do povo gaúcho, mobilização da nação, relevância do jornalismo e valorização da ciência

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; eventos extremos; cobertura jornalística; discurso.

O JORNAL NACIONAL ATÍPICO

É desta forma que William Bonner se refere às edições nas quais o telejornal mais antigo e de maior audiência do Brasil modifica o formato habitual do programa para realizar uma “cobertura esmagadoramente majoritária, quase exclusiva, de algum fato de altíssima relevância” (Bonner, 2009, p. 148). Essa modificação não é apenas de tempo de cobertura, mas de como o programa é apresentado: um dos âncoras desloca-se do estúdio para o local do acontecimento.

A ancoragem *in loco* já se tornou habitual ao Jornal Nacional desde que William Bonner assumiu a posição de editor-chefe do telejornal, em 1999³. Eventos programados e não programados já ganharam protagonismo em coberturas do tipo, como Copas do Mundo e Olimpíadas, eleições norte-americanas, a morte do Papa João Paulo II em 2005; os ataques de traficantes à cidade de São Paulo em 2006; as enchentes de Santa Catarina em 2008; o acidente aéreo da TAM em Congonhas/SP em 2007; as chuvas na região serrana do Rio de Janeiro em 2011; o incêndio na boate Kiss em Santa Maria em 2013, entre outros.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Curso de Jornalismo da Fabico/UFRGS, email: deboragadret@gmail.com.

³ Pelo menos desde 1992, durante a Eco-Rio, o Jornal Nacional trabalhava com ancoragens *in loco*, realizadas por repórteres (Memória Globo, 2005). Importante lembrar que, na ocasião, o JN possuía apresentadores sem função editorial no programa.

Neste resumo expandido, busca-se discutir a cobertura jornalística de um tipo específico de acontecimento, durante a ancoragem *in loco* do telejornal: os eventos climáticos extremos, entendidos aqui como grandes desvios de um estado climático que podem ter causas naturais, e registram aumento na frequência e intensidade como resultado da mudança climática e de ações antropogênicas (Marengo, 2017 *apud* Amaral; Quevedo; Souza, 2024). Para isso, são analisados a estrutura do espelho do telejornal e a produção de sentidos sobre o acontecimento, a partir da enunciação do âncora que se encontra no local do evento.

Apesar de não ser o primeiro evento do tipo com ancoragem *in loco* do Jornal Nacional, as enchentes de maio de 2024 no RS são com certeza o evento climático extremo que teve maior atenção do telejornal até o momento: foram nove edições ancoradas por William Bonner, direto de Porto Alegre, em diferentes locais da capital gaúcha, entre os dias 6 e 15 de maio. Antes disso, as enchentes de Santa Catarina, em 2008, receberam duas edições ancoradas direto do local do acontecimento. Isso evidencia não apenas o caráter do acontecimento em si, mas também a dimensão da construção deste acontecimento pelo telejornalismo, tornando essa uma cobertura sem precedentes.

A PERFORMANCE DO ÂNCORA NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Parte-se do pressuposto que âncoras são figuras que fidelizam a audiência por meio dos laços construídos durante a enunciação do telejornal (Hagen, 2009), em um regime de co-presença (Fechine, 2008). São os primeiros e os últimos sujeitos que vemos no fluxo do telejornal. Responsáveis por articular as unidades englobadas dentro do todo do programa, o lugar dos âncoras está ligado a um efeito de continuidade, uma vez que articulam as unidades englobadas (as notícias, em seus diferentes formatos) ao nível englobante (o telejornal), colocando-as sob a mesma temporalidade (Fechine, Lima, 2021).

São encarregados de apresentar os acontecimentos nas cabeças; disponibilizar informações complementares ou adicionais sobre o assunto nas notas pé; fazer a transição entre notícias, entre outros. Porém, exercem funções que ultrapassam o valor informativo do jornalismo, na medida que são uma constante na transmissão do noticiário: podemos vê-los todos os dias, olhando nos nossos olhos. “Ao fazer saber, também fazem sentir. Suas expressões faciais são tão evidentes que a dimensão verbal do discurso torna-se

completar na construção de sentidos. Eles introduzem ou indicam, reforçam ou pontuam as emoções construídas discursivamente no corpo da reportagem” (Gadret, 2016).

A cumplicidade estabelecida entre âncoras e audiência é construída pelo posicionamento do telespectador como partícipe da conversação, um terceiro interlocutor da fala que ocorre na bancada do telejornal, entre os diálogos e a troca de olhares dos apresentadores (Gutman, 2014). Essa interlocução torna-se potencialmente mais expressiva quando um destes âncoras se ausenta do estúdio para narrar o acontecimento *in loco*, saindo da posição de pretensa isenção conferida pela bancada para uma posição de testemunha ocular dos fatos e partícipe do acontecimento, como pode ser observado nos principais resultados da análise.

É importante registrar que outros telejornais da Rede Globo e de outras emissoras também ancoraram suas edições direto de Porto Alegre, mesmo antes do Jornal Nacional. Somente quando as águas tomaram o Centro Histórico da capital do RS e as operações do principal aeroporto do Estado foram suspensas por tempo indeterminado que o jornalismo do centro do país deu centralidade ao evento climático que já havia destruído cidades inteiras, algumas atingidas pela segunda ou terceira vez em menos de um ano. Nota-se que, enquanto evento climático extremo, as enchentes e inundações no Rio Grande do Sul não tem um ponto preciso de início, tampouco de fim.

Um dos grandes desafios da cobertura jornalística é compreender quando um desastre começa, quanto ele dura e quando ele termina. Compreender o passado de um desastre e fazer ver seu futuro (o passado do próximo desastre) é desafiador. Dar cobertura jornalística à longa duração de cada acontecimento limite também é. (Amaral, 2020)

Embora os marcadores para que qualquer evento seja compreendido como acontecimento exija a afetação dos sujeitos (Queré, 2005), neste caso, a decisão editorial sobre a cobertura (equipe, tempo e angulações sobre o evento) ganha contornos particulares pois, entre a multiplicidade aleatória de fatos, é preciso avaliar qual deles exatamente simboliza a ruptura da normalidade (Rodrigues, 1999). Diferentemente dos rompimentos de barragens, onde se pode precisar hora e local exato que desencadeia a tragédia, o acumulado de chuvas foi intensificando e aumentando a proporção do evento ao longo dos dias e das semanas.

A ANCORAGEM IN LOCO DO JORNAL NACIONAL

Possivelmente pelo caráter estendido do acontecimento e pelas proporções territoriais alcançadas, nove edições do Jornal Nacional foram apresentadas por William Bonner, em Porto Alegre, entre os dias 6 e 15 de maio de 2024, fato inédito na história do programa para um acontecimento não programado. A cobertura, aliás, foi permeada de ineditismos, como o próprio âncora fez questão de ressaltar durante a apresentação do telejornal. Foi a primeira vez que o Jornal Nacional foi ancorado diretamente de um navio ou de dentro de uma cozinha, por exemplo.

Sobre as características gerais do programa durante esse período, é importante ressaltar que cada edição foi transmitida de um lugar diferente, conforme tabela abaixo. Cada local era não apenas cenário da ancoragem, mas tema do telejornal. No texto de abertura, Bonner explicava que local era este e qual era o papel de cada um durante a tragédia. Além de locais de resgate, três universidades com campus em Porto Alegre foram cenário do telejornal, bem como a RBS, emissora afiliada da Rede Globo no Estado. Em cada local, ao menos uma pessoa foi entrevistada ao vivo por Bonner, entre eles, representantes do poder público, pesquisadores e professores, voluntários, vítimas e jornalistas.

Além disso, como já esperado, os programas traziam poucos conteúdos externos ao evento do Rio Grande do Sul. O espelho era quase que totalmente dominado por reportagens sobre a emergência climática, mesmo que estas fossem realizadas em outros locais do país. As implicações políticas e econômicas do acontecimento e as políticas públicas de auxílio para o RS foram predominantemente tratadas por repórteres em Brasília. Reportagens de vários estados trataram sobre doações para o RS, com destaque para localidades como Brumadinho, em Minas Gerais. Já duas reportagens sobre ciência (uma sobre as características hidrográficas do Rio Grande do Sul e outra sobre a força da água) foram produzidas em São Paulo.

A partir de uma análise discursiva qualitativa (Benetti, 2007), que mobiliza as qualidades estéticas do telejornalismo em suas três dimensões - performance dos sujeitos, dimensão audiovisual e dimensão verbal (Gadret, 2016), foram encontrados quatro núcleos de sentidos predominantes: gravidade do fato, resiliência do povo gaúcho, mobilização da nação e relevância do jornalismo.

Em *gravidade do fato*, William Bonner qualifica o evento climático extremo por meio de adjetivos e descrições que buscam dar a dimensão das consequências das

enchentes no RS, por suas proporções e impactos sociais. Abaixo, quatro sequências discursivas exemplificam este núcleo de sentidos:

*Nesse momento, o **drama** que o povo gaúcho está enfrentando tem uma **gravidade absolutamente incomparável**. (Bonner, 6 de maio)*

*A gente vê imagens e tem visto imagens desde o início deste desastre no Rio Grande do Sul que são **espantosas**. **É difícil entender como é que água pode ter um poder de destruição tão grande**. (Bonner, 10 de maio)*

*O Rio Grande do Sul tá entrando na **terceira semana desse pesadelo**. Você imagine. **Vidas perdidas, pessoas desaparecidas, prejuízos terríveis, casas que se perderam na água e, em meio a isso tudo, a terra tremeu em Caxias do Sul**. (13 de maio)*

*Neste momento, **estamos cercados de água contaminada**, é um momento em que **a cidade está traumatizada**.*

Em *resiliência do povo gaúcho*, o destaque do núcleo de sentidos está nos esforços de enfrentamento e mobilização das pessoas do Rio Grande do Sul para dirimir os efeitos das enchentes, com foco não apenas na sociedade civil, como também para o trabalho de pessoas de instituições públicas. O núcleo de sentidos constrói um senso de unidade identitária aos gaúchos, construída em torno da força e da solidariedade.

*Os **gaúchos não esmorecem, são tenazes, estão feridos, mas estão de pé**. (Bonner, 7 de maio)*

*Se essa pessoa for um **gaúcho**, nos dias de hoje, um cavalo em cima de um telhado de uma casa cercada de água é o estado do Rio Grande do Sul resistindo a um desafio monumental. (Bonner, 9 de maio)*

*São alunos, ex-alunos, professores, funcionários. E um grupo enorme de pessoas que eu conheci hoje e que tá sorrindo. **Essas pessoas sorriem porque estão fazendo com prazer, tão ajudando gaúchos que precisam muito, muito de ajuda**. (Bonner, 11 de maio)*

Em *mobilização da nação*, há um esforço não apenas para visibilizar a ajuda de outros estados ao Rio Grande do Sul (por meio de serviços, voluntariado e doações), mas também para incentivar essas ações, ultrapassando a construção de uma identidade regional para o reforço de uma união e identidade nacionais.

***O Brasil é solidário com o RS**. E a ajuda que os moradores de São Jerônimo tanto precisavam, finalmente chegou. Pelo ar. (Bonner, 9 de maio)*

*É o aviso de geada e dessa queda brutal de temperatura se dá com uma semana de antecedência quase. **É o tempo necessário para que os brasileiros se mobilizem**, para que as autoridades ajam para proteger essas vidas do frio que vem aí na quinta-feira que vem, como você anunciou. (Bonner, 10 de maio)*

***E quem quiser ajudar os gaúchos neste momento tão difícil, pode ir ao site paraquemdoar.com.br**. Lá tem todos os caminhos para ajudar com segurança a pessoas que tão precisando muito do seu apoio neste momento. (Bonner, 11 de maio)*

Em *relevância do jornalismo*, o núcleo de sentidos está centrado na importância da cobertura jornalística do acontecimento para a produção de informação qualificada, verificada e fiel aos fatos, por meio dos processos de produção do campo – que incluem o testemunho dos acontecimentos e a infraestrutura para coletar e organizar informações

Vimos aqui prestar solidariedade ao povo gaúcho e pra apoiar o trabalho dos nossos colegas da RBS, afiliada da Globo aqui na região. [...] O RS vive um momento absolutamente assustador e é isso que nós vamos mostrar com a maior fidelidade possível, com esse trabalho ampliado a partir de hoje, no Jornal Nacional. (Bonner, 6 de maio)

Nós escolhemos essa dupla de reportagem para representar todas as equipes de reportagem da RBS em parte porque o Jonas é a figura mais experiente da RBS na Rede Globo. Em parte porque essa dupla testemunhou um momento muito dramático ao vivo nas transmissões locais aqui da RBS. (Bonner, 15 de maio)

Desde o início das chuvas, a Globo enviou equipe pro Rio Grande do Sul, um total de 68 profissionais das equipes de jornalismo e de tecnologia. Essa equipe tem trabalhado aqui junto com os colegas da RBS que vocês vêm aqui numa cobertura jornalística que tá ajudando o Brasil e os brasileiros de todas as regiões a compreender a dimensão da calamidade que nós estamos vendo aqui. Vendo e enfrentado (Bonner, 15 de maio)

Por fim, há um outro núcleo de sentidos importante à ancoragem in loco do telejornal, que é a valorização da ciência, por meio do destaque dado ao trabalho de pesquisa, em especial das universidades, no âmbito desta e de outras tragédias.

E essa área aqui é uma área que fica num pedaço da universidade muito voltado para área de saúde. Saúde é uma vocação muito forte da PUC do Rio Grande do Sul. Basta dizer que, na pandemia, a Coronavac, a famosa vacina Coronavac, teve participação da PUC do Rio Grande do Sul em seu desenvolvimento. (Bonner, 10 de maio)

E é exatamente nesse ambiente da ciência [Instituto de Pesquisas Hidráulicas da Ufrgs] que a atenção dos brasileiros tem se concentrado nas duas últimas semanas, porque é daqui que saem os modelos, as previsões, do volume de água do Guaíba. (Bonner, 14 de maio)

A nossa escolha do local de hoje pra apresentar o Jornal Nacional é uma homenagem aos cientistas também, que estão trabalhando de forma intensa para ajudar a população, pra ajudar as autoridades a fazerem a previsão e proteger a população. (Bonner, 14 de maio)

William Bonner já retornou ao estúdio do Jornal Nacional e as águas baixaram. Os sentidos construídos pelo âncora durante sua presença na capital do RS em nove edições do telejornal reforça a importância da dimensão testemunhal dos acontecimentos pelo jornalismo para a credibilidade da cobertura, a fidelização e mobilização da audiência. Arrefecendo a comoção inicial da tragédia, é que começa o maior desafio do jornalismo televisivo. O telejornalismo do centro do país precisa lembrar que este acontecimento não acabou e que seu enquadramento precisa endereçar as problemáticas relacionadas às mudanças climáticas e suas relações complexas com o capital, os interesses políticos e o planejamento urbano.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F.; QUEVEDO, J. P.; SOUZA, E. Evento climático extremo e vulnerabilidades: a comunicação de um desastre no twitter. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 56, 2024. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.56.135975>. Acesso em: 3 jun. 2024.

AMARAL, M. Regras absolutas não servem na cobertura de acontecimentos extremos. *Objethos*, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://objethos.wordpress.com/2020/04/08/marcia-amaral-regras-absolutas-nao-servem-na-cobertura-de-acontecimentos-extremos/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BONNER, W. **Jornal Nacional**: Modo de fazer. São Paulo: Globo, 2009.

FECHINE, Y. *Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FECHINE, Y.; LIMA, L. *A linguagem da reportagem*. Recife: Editora UFPE, 2021.

GADRET, D. **A emoção na reportagem de televisão**. Tese [Doutorado em Comunicação e Informação]. Porto Alegre: UFRGS, 2016.

HAGEN, S. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal**: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do *Jornal Nacional*. Tese [Doutorado em Comunicação e Informação]. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MEMÓRIA Globo. **Jornal Nacional**: A notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

QUERÉ, L. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, n. 6. Lisboa: ISCTE, 2005.

RODRIGUES, A.D. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999.